

## **O documentário como representação social: construção de um curta-metragem sobre histórias de pessoas em situação de rua na cidade de Sobral, no Ceará<sup>1</sup>**

Carlos Henrique Silva de BRITO<sup>2</sup>  
José Augustiano Xavier dos SANTOS<sup>3</sup>  
Centro Universitário INTA (UNINTA)

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta o processo de construção do documentário de curta-metragem “*A VIDA ONDE O VENTO FAZ A CURVA*” que apresenta relatos sobre histórias de vida de quatro pessoas em situação de rua na cidade de Sobral/CE, cidade localizada a 220 km da capital do Estado, Fortaleza. Sobrevivência, amor e solidão são as principais temáticas que o grupo aborda. O trabalho aproxima-se do pensamento de Bezerra (2014) que compreende a ligação entre documentário e jornalismo como uma colaboração necessária para construir discursos que representem a realidade. Apoiamo-nos ainda nos dados de Nichols (2010) que nos oferece as várias possibilidades de documentar a realidade, com efeito, que esses cidadãos consigam ser mostrados presentes no contexto social. Lucena (2012) reforça a ideia, contribuindo com orientações para produzir conteúdos audiovisuais às pessoas que estão fora da realidade documentada.

**Palavras-chave:** Documentário; jornalismo; representação social; situação de rua.

### **INTRODUÇÃO**

Segundo dados do I, e único até o momento, Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (2009), realizado em apenas 71 dos 5.568 municípios brasileiros, o país contava com aproximadamente 31.922 pessoas em situação de rua. No Ceará, de acordo com o Plano Estadual de Atenção a População em Situação de Rua (2018) destinado ao quadriênio 2019-2022, com dados referentes a atendimentos por rede de proteção social, em 66 dos 184 municípios do estado, já são 18.817 que vivem esta realidade. Estar nas ruas não é

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário INTA (UNINTA), e-mail: [carlos-henrique\\_brito@live.com](mailto:carlos-henrique_brito@live.com).

<sup>3</sup> Professor do Centro Universitário INTA (UNINTA), e-mail: [jaxs14@gmail.com](mailto:jaxs14@gmail.com).

---

uma exclusividade das capitais e/ou regiões metropolitanas. Cidades no interior do estado também abrigam pessoas em situação de rua. Em Sobral, cidade localizada a 220 km da capital cearense, Fortaleza, ainda segundo o Plano Estadual, são 730 pessoas que vivem pelas ruas, calçadas e onde mais lhes for permitido habitar.

Nosso interesse em produzir um documentário sobre histórias de vida de pessoas em situação de rua surgiu observando o número elevado de cidadãos que lutam por sua sobrevivência nas ruas do município de Sobral, seja no momento do trabalho, como é o caso de muitos que se utilizam do trabalho informal, como flanelinhas, para conseguir uma renda necessária para sobrevivência, não dispensando as ajudas que lhes são oferecidas, ou a procura por um lugar agradável para abrir seus papéis e encontrar uma posição confortável para dormir em meio às dificuldades de não ter um teto.

A partir de então, começamos a pensar formas de transformar esse desejo em realidade. O primeiro desafio seria o de nos aproximarmos dessas pessoas para conhecer suas histórias. Este trabalho necessitaria de tempo para que pudéssemos ser aceitos pelo grupo. Para isso, iniciamos observando espaços na cidade que, de certa forma, abrigam algumas pessoas em situação de rua, pois fizeram desses lugares, donos de suas presenças, assim também como a relação interpessoal com alguém na mesma situação. As primeiras aproximações surgiram de conversas baseadas no tempo de utilização daquele espaço público como local de trabalho ou até mesmo de residência, e a escolha por permanecer em tal lugar.

Depois de construído o caminho para o diálogo, iniciamos o trabalho de seleção das histórias de vida. Este foi, portanto, o nosso segundo desafio. Quais critérios elegeríamos para selecionar uma história frente às demais? Deste modo, adotamos como critério de seleção a relação pessoal dos indivíduos na forma de sobrevivência, e com os espaços ocupados por eles no município; além de direcionar-se às pessoas que tivessem disposição em partilhar suas histórias, fato incomum entre indivíduos na situação de rua.

Deste modo, após aplicarmos estes critérios de seleção, chegamos a um grupo composto por quatro pessoas: Cláudio Eufrásio do Nascimento, Antônio Carneiro do Carmo, Maria da Conceição Viana e Alexandre Bezerra da Silva. Tínhamos,

---

pois, o objetivo de dar voz àquelas pessoas que, via de regra, não ocupam espaços de fala em nossa sociedade.

## **REPRESENTAÇÃO SOCIAL POR MEIO DO AUDIOVISUAL**

Representar a realidade de um ou vários indivíduos inseridos em determinada situação social por meio de conteúdos audiovisuais como documentários, proporcionam uma imersão de conhecimento ao desconhecido, ou melhor, colaboram para uma percepção aguçada do que já se enxergava, mas não se compreendia. De acordo com Nichols (2010):

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. (NICHOLS; 2010, p. 26)

Os conteúdos sociais produzidos por meio de audiovisuais favorecem melhor aceitação da realidade do outro. É necessário compreender a importância e destaque que esse método propõe ao direcionamento de um problema e desenvolvimento de possíveis soluções. Como afirma Lucena (2012): “Trabalhar com o audiovisual, é uma terapia, uma forma de nos relacionarmos bem com o mundo, uma maneira de compreendê-lo e de entender nossa relação com ele”.

Falar de um determinado assunto significa abordar um mundo coletivo de inúmeras maneiras individuais distintas. Pode-se dizer que podemos utilizar diversas técnicas para retratar uma história que acontece em um determinado tempo e espaço. Segundo observações de Nichols (2010): “Se os documentários representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico, pode-se dizer que falam desse mundo tanto por meio de sons como de imagens”.

A situação de rua é um fenômeno que cresce, e está sendo esquecido pelos outros indivíduos sociais. A construção de um documentário reflete em representações sociais formadas por influências recíprocas, que precisam chegar a um repertório comum entre as pessoas. De acordo com Moscovici (2013): “Têm como finalidade

---

primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não problemática”.

Quando decidimos contar alguma história em um conteúdo audiovisual, o primeiro passo, para que se tenha êxito na concretização do projeto é a determinação que a ideia deve ter; pois ela influenciará todo o processo de produção do conteúdo. Moletta (2009) ressalta: “Uma imagem surge em nossa mente de tal forma que necessitamos dizer algo sobre ela, investigá-la, saber de onde vem e por quê. Se não damos vazão a essa imagem, ela se torna recorrente”.

Dar visibilidade a grupos sociais requer ouvi-los; escutar suas vozes. A voz é essencial para introduzir qualquer tipo de representação social. É preciso ouvir para compreender e, somente assim, começar o processo de aceitação do outro. Sobre a relevância da voz em um documentário Nichols (2010) afirma:

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. (NICHOLS; 2010, p.73)

É importante ressaltar que embora os filmes tratem sobre assuntos que fogem à realidade de quem os produz, o olhar de quem os pensa se manifesta na construção da narrativa que será apresentada à sociedade. Quanto a esse papel Nichols (2010) é claro quando aponta:

Para cada documentário, há pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. De formas diferentes, todas essas histórias são parte daquilo a que assistimos quando perguntamos de que trata um certo filme. Isso quer dizer que, quando assistimos a um filme, tomamos consciência de que ele provém de algum lugar e de alguém. (NICHOLS; 2010, p. 93)

Para Moscovici (2013), o que caracteriza as representações sociais são as interações humanas. Assim, para que um documentário cumpra seu papel social precisa mergulhar no modo de ser de cada indivíduo. Através da recepção da história das pessoas em situação de rua, é que as outras pessoas poderão identificar a qual meio elas vivem socialmente. Apresentar histórias reais é papel essencial em um documentário que busque representação. Como afirma Moletta (2009): “O caráter de um indivíduo é

---

construído pela sua história pessoal. Podemos dizer que conhecemos bem uma pessoa quando conhecemos bem seu passado, suas escolhas e ações concretizadas ao longo da vida”.

Falar sobre nossas histórias de vida é difícil; é mais confortável quando confiamos nas pessoas que nos ouvem. Expor suas vivências em um audiovisual não é fácil, muitas pessoas que você não conhece irão passar a conhecer você, e talvez até julgar as escolhas que resolveu seguir. Entretanto, para conseguir se fazer presente no mundo em que vivemos, é preciso apresentar seu jeito de ser; impor sua identidade. Nichols (2010) entende:

Nos documentários, portanto, falamos dos assuntos que ocupam nossa vida da forma mais apaixonada e perturbadora. Esses assuntos seguem os caminhos de nosso desejo, conforme chegamos a um acordo com o que significa assumir uma identidade, ter uma ligação íntima e particular com alguém e pertencer a uma coletividade. (NICHOLS; 2010, p.109)

Conteúdos audiovisuais prendem a atenção de seus entusiastas pela delicadeza com que conseguem repassar as histórias de seus personagens. Os enredos são fundamentais na apreciação e reflexão sugerida a um público. Dentro desse pensamento Moletta (2009) defende: “O que realmente nos prende ao universo das histórias é algo que nasce com o ser humano: o desejo de conhecimento”.

O documentário produzido possui um conteúdo reflexivo. Seu objetivo é dar voz a alguns membros de uma realidade social esquecida por muitos, no caso as pessoas em situação de rua. Esses indivíduos necessitam se representar na sociedade atual. De acordo com Nichols (2010) documentários reflexivos são capazes de iniciar discussão para tal problema:

No modo reflexivo, são os processos de negociação entre cineasta e espectador que se tornam o foco de atenção. Em vez de seguir o cineasta em seu relacionamento com outros atores sociais, nós agora acompanhamos o relacionamento do cineasta conosco, falando não só do mundo história como também dos problemas e questões da representação. (NICHOLS; 2010, p.162)

O documentário criado com a mesclagem de histórias de vida e percepções dessas pessoas possibilitará maior visibilidade através dos meios divulgados, assim

---

também como levantará discussões acerca dos problemas apresentados. Assim, de acordo com Moletta (2009):

Um vídeo feito agora pode ser visto no mundo todo em questão de minutos. Com poucos recursos pode-se fazer muito. Porém é preciso tomar cuidado com o que se está disponibilizando: assim como um vídeo pode ganhar notoriedade, pode causar problemas morais e prejudiciais. Aí entra a questão ética e profissional dos realizadores. (MOLETTA; 2009, p. 137)

## **A IDEIA DO DOCUMENTÁRIO**

Produzir um documentário reflexivo construído com informações jornalísticas possibilita a representação da realidade impregnada na sociedade, e torna-o capaz de explicar os diferentes mundos existentes entre os sujeitos. Segundo Bezerra (2014): “Documentário e jornalismo compartilham inúmeros pontos de contato nos processos históricos de significação, de mediação e de legitimação de suas narrativas”. Assim, ligando os dois campos, os conteúdos produzidos partem para reflexão acerca de uma determinada questão social.

Não se pode negar que existem diferenças históricas entre documentário e jornalismo. Enquanto o primeiro procurou se firmar entre a busca da verdade/objetividade e um comportamento interpretativo, o segundo direcionou os indivíduos a fazerem contato com o seu mundo a partir de aspectos reais. Os dois campos apresentam o mundo que conseguimos enxergar, distanciando-se de uma onda ficcional. Essa diferença, segundo Bezerra (2014), não acontece devido à relação focada no real ou na verdade, mas devido às várias respostas que podem surgir para seus interlocutores.

Jornalismo e documentário necessitam um do outro para que o impacto esperado para atingir um público-alvo seja eficaz. Os dois são semelhantes na maneira como abordam a realidade, o que provoca uma mistura de informação, reflexão e emoção. A maneira como somos instruídos a olhar essas duas áreas forma um conjunto de ações concretas do que queremos defender: o diálogo entre dois campos distintos que se tornam aliados da realidade quando mesclados. Entretanto, é necessário

---

compreendermos técnicas fundamentais dessas duas áreas do conhecimento para construção de um conteúdo audiovisual unificado. De acordo com Bezerra (2014):

No caso do jornalismo, temos de antemão duas técnicas fundamentais. Em primeiro lugar, o *lead*, isto é, o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor. [...] Em segundo lugar, temos uma estrutura narrativa que recebeu a alcunha de “pirâmide invertida”. O termo designa um relato que prioriza não a sequência cronológica dos fatos, mas enumera em ordem decrescente os elementos mais importantes, em uma montagem hierárquica. No documentário não é muito diferente. Na verdade, o leque de possibilidades é ainda maior. Nichols, por exemplo, passeia por uma enorme variedade de estruturas narrativas e termina por sugerir um tratamento mais abrangente. Ele alerta para a possibilidade de subdivisões e, como recomendam os oradores clássicos, cita cinco procedimentos: uma abertura que capte a atenção do público, um esclarecimento do que já se reconhece como fato e do que continua controverso, ou uma declaração ou elaboração da própria questão, um argumento direto em favor de uma causa, de um ponto de vista específico, uma refutação que rejeite argumentos contrários e uma recapitulação do caso que agite o público e o predisponha a um determinado procedimento. (BEZERRA; 2014, p.47-48)

De acordo com Bezerra (2014), a dinâmica de ligação entre documentário e jornalismo ganha força em dois movimentos diferentes que surgiram com o objetivo de trazer mudanças positivas para essas áreas enquanto produção de conteúdo: o “novo jornalismo” e o “cinema direto”. O novo jornalismo propõe uma espécie de ruptura e ampliação da atividade jornalística onde o repórter imerge na realidade em busca de estratégias que reproduzem os conflitos. Por outro lado, o cinema direto procura introduzir todo imediatismo presente no mundo, proporcionando ao espectador uma observação ideal da história narrada.

. Bezerra (2014) ainda enfatiza a questão: “Na verdade, o novo jornalismo e o cinema direto são movimentos marcados por questionamentos de ordem ética. Ambos lidam com imprevisibilidades e devem negociar relações com as pessoas e suas vidas”. Tanto o documentário como o jornalismo foram moldados com essas duas correntes que desenvolveram padrões com expectativas em relação às ideias de verdade, verossimilhança e objetividade.

Ao pesquisar sobre o tema a ser refletido no documentário proposto neste trabalho, é certo afirmar que as pessoas que vivem nas ruas, não sobrevivem com os

---

mesmos direitos básicos usufruídos pelos demais cidadãos. Essas pessoas começam a ser esquecidas a partir de sua existência. Invisíveis para muitos, são ignoradas até mesmo nos censos governamentais. De acordo com IPEA (2016): “O Brasil não conta com dados oficiais sobre a população em situação de rua. Nem o censo demográfico decenal, nem as contagens populacionais periódicas incluem entre seus objetivos.”. (IPEA, 2016, p.7).

A partir do momento que são postos de lado e não incluídos em uma contagem populacional, dificulta o direcionamento de políticas públicas que ajudariam a pensar em soluções para amenizar a situação, que cresce de maneira preocupante, principalmente nas cidades grandes. Os municípios brasileiros trabalham com estimativas sobre essas pessoas que moram nas ruas. Segundo o IPEA (2016), alguma estratégia precisa ser trabalhada com urgência para solucionar esse avanço, principalmente em cidades de grande porte: “Embora apenas 22,6% dos municípios possuam estimativa da população de rua, 51,4% da população brasileira reside nestes municípios”.

O Plano Estadual de Atenção a População em Situação de Rua do Ceará (2018) argumenta em consulta pública que o aumento do desemprego e da pobreza articulado à fragilidade das instituições públicas de proteção social no país tem impactado o contexto social urbano nas últimas décadas e intensificado a vulnerabilidade social. O mesmo plano informa que no ano de 2017, no município de Sobral, de acordo com dados do Registro Mensal de Atendimento (RMA) do Centro POP (Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua), existia 730 pessoas em situação de rua no município. Sendo 636 homens e 94 mulheres.

A ideia do documentário surgiu quando ao notar grande quantidade de pessoas em situação de rua, encontrei por acaso Cláudio. Ele agradeceu a atenção que depus na sua história: minutos devotados à contação de como um flanelinha bêbado quebrara o braço mais uma vez no meio do expediente. Convidou-me para voltar mais uma vez ali e escutar uma história quando tivesse sóbrio. Assim só consegui constatar que ele era a mesma pessoa com a voz embaçada, quando aceitei o convite e descobri um pouco sobre sua história de vida. Conheci Conceição enquanto Antônio trabalhava e ela dormia, mas o que ela não sabe é que ele ficava indo e voltando para constatar se realmente ela estava dormindo bem. Esse amor não poderia ser esquecido; ignorado. Por



---

último conheci Alexandre, um andarilho dentro do município que não se arrepende das escolhas que fez na vida. Somente buscando aguçar o olhar podemos entender o que Lucena (2012) defende:

“Fazer documentários exige que recuperemos nosso conhecimento a respeito do mundo, que exacerba nossa criatividade, que requer a escrita, mas também nos leva a criar considerações sobre alguma coisa que nos é muito próxima – o que queremos descobrir-, obriga-nos de certa maneira a elaborar um discurso sobre determinado objeto, alguma pessoa, uma comunidade, o mundo. (LUCENA; 2012, p. 8)

## **PASSO A PASSO DA CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO**

### **A SUBMISSÃO AO CEP E A LINGUAGEM ESCOLHIDA**

Antes mesmo de emergir na história das pessoas, era de bom tom que a pesquisa fosse aprovada pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa); para então iniciar suas fases de entrevistas, gravações e conclusão do documentário. Enquanto era analisado, analisamos teorias de cinema, e a que parecia mais compatível para gerar reflexão era a do cinema direto. De acordo com Lucena (2012), esse método baseia-se na tentativa idealista de mostrar “a vida como ela é”.

Lucena (2012) argumenta que é comum predominar nos documentários tradicionais, as linguagens clássicas e narrador onipresente. Entretanto, para mostrar a realidade dos entrevistados deste documentário, optamos construir o enredo baseado na autoridade de suas próprias falas, sem que as pessoas pudessem notar o mediador entre elas e as perguntas feitas aos personagens. Assim a intermediação por meio da voz do entrevistador/diretor saiu de cena, e as respostas das pessoas construíram a sequência do filme, com o pensamento de que a própria pessoa parece ser mais apta, pois ela é dona de sua história, suas vivências, medos e desejos.

### **A ESCOLHA PELO CURTA-METRAGEM**

---

Por se tratar da construção de um produto, idealizado por pessoas sem contato nenhum com técnicas de cinema, e baseado no tempo de duração de um curta-metragem americano, visto que segundo a lei brasileira um curta tem até 15 minutos, para contar as histórias de forma mais empolgante e procurar ser mais justo com o tempo devotado dos entrevistados, resolvemos optar pelo desenvolvimento de um curta-metragem com duração de 30 minutos. Para desenvolver o produto, se antecedeu importantes reflexões sobre a importância de estar envolvido com um bom tema para caminhar até um objetivo final. A história de vida retratada por pessoas que vivem em situações diferentes da maioria ganhou força com as definições de Moletta (2009):

O curta-metragem cinematográfico equipara-se ao conto na literatura ou ao haikai na poesia: trata-se de uma forma breve e intensa de contar uma história ou expor um personagem. É um momento curto em que o público quer saber o que vai acontecer no segundo seguinte, mesmo que nesse espaço de tempo efêmero o personagem tenha passado por uma vida inteira. (MOLETTA; 2009, p. 17)

O tamanho da duração de um documentário não mede a qualidade que irá possuir o conteúdo a ser produzido. A relevância que o tema carrega ditará toda aceitação e entendimento que se espera do público-alvo a ser atingido. Referente às formas de produção de qualquer conteúdo audiovisual, Moletta (2009) aconselha: “Ao criar um curta-metragem, é fundamental que a história seja contada de forma breve e impactante”.

### A ESCOLHA DAS VOZES DO DOCUMENTÁRIO

Antes da autorização do CEP ser recebida, o que pôde ser feito dialoga com as instruções de Lucena (2012) quanto às articulações iniciais de produção: “Observem seu entorno, o bairro em que moram, a região onde trabalham, as pessoas com que convivem, os indivíduos que eventualmente encontram, as notícias dos jornais e da TV”. Seguindo estas orientações de observação fui percebendo os espaços urbanos onde poderia encontrar os protagonistas do documentário.

---

Ao constatar a autorização do CEP, começamos a conversar com possíveis indivíduos, dispostos a serem as vozes do documentário. Fomos introduzindo os objetivos com a produção do documentário, e afinou-se à colaboração de quatro pessoas: Cláudio Eufrásio do Nascimento, Antônio Carneiro do Carmo, Maria da Conceição Viana e Alexandre Bezerra da Silva. Todos os citados, indivíduos em situação de rua, fonte essencial para a construção do audiovisual proposto. Suas histórias e vivências resultariam, junto com a disposição em se deixarem conhecer, no resultado esperado, pois como afirma Moletta (2009):

O personagem é reflexo do ser humano, portanto necessita de humanidade. Sem ela, permanece idealizado e não se comunica com o público. Na pior das hipóteses, torna-se uma caricatura ou um tipo; se isso não for proposital na estrutura do roteiro, você já perdeu o interesse do espectador. O personagem deve ter medo, dúvida, coragem, angústia, alegria, raiva, inveja, bondade, intolerância, humildade, arrogância, força e fraquezas. (MOLETTA; 2009, p. 29)

## O ROTEIRO

Lucena (2012) apresenta três elementos fundamentais no que diz respeito ao roteiro de curtas e longas metragens: cabeçalho da cena, descrição visual ou ação e diálogos. O cabeçalho deste documentário resumiu-se no local onde as pessoas se sentiriam mais confortáveis (Praça São João, Becco do Cotovelo e Praça SenadorFigueira em Sobral). A descrição visual foi utilizada para introduzi-los no filme por meio de suas histórias de vida e percepções sobre as relações com o espaço e as pessoas. Os diálogos sobre seus cotidianos, suas histórias de vida antes da situação de rua, suas observações e sonhos, desenvolveram o documentário.

Quando conhecemos melhor a história das quatro pessoas que havíamos observado, elaboramos uma simples sinopse para a construção do documentário: O significado da cidade onde vivem introduz suas vozes na representação de seu espaço. A dependência da boa vontade dos outros norteia a vivência de Alexandre e, apresenta uma realidade que muitos indivíduos enfrentam no cotidiano: a sobrevivência na rua. O amor e companheirismo são ressaltados na relação entre Conceição e Antônio em meio

---

a adversidades do cotidiano. A solidão se apresenta a Cláudio por meio de lembranças de um passado infeliz.

Criado depois de algumas conversas, o roteiro seguido foi dividido em sete temas relacionados à vida das pessoas: suas histórias antes da situação de rua, o trabalho informal desenvolvido, o tratamento que recebem das pessoas, os seus sentimentos de alegrias, tristeza e fé, práticas de higiene e alimentação, seus sonhos e, observações sobre o que significa “viver na rua”.

### GRAVAÇÕES E CONDUÇÃO

Embora sabendo que o documentário seguiria o modelo do cinema direto, onde o enredo segue as narrações das próprias pessoas, a dinâmica das gravações baseou-se em entrevistas. Para possuir as perguntas necessárias para contar da melhor maneira a vida das pessoas, além de várias conversas antes dos dias marcados para gravações, inspirei-me o livro “Rua da Amargura, S/N” para fazer algumas perguntas que refletissem suas vivências. O livro conta relatos da memória de um ex-morador de rua da cidade de São Paulo na década de 50.

As gravações foram realizadas em finais de semana com três dos personagens: Cláudio preferiu um sábado à tarde por conta do pouco movimento em seu local de trabalho. Antônio e Conceição optaram por um domingo de manhã, onde estariam de folga da correria realizada por eles na semana. Alexandre preferiu uma sexta-feira à tarde, depois do almoço. Todos eles marcaram seus próprios horários, desmistificando a ideia de quem “acha”, que por morar na rua, as pessoas não possuem tarefas e compromissos.

### A EDIÇÃO E ESCOLHA DO NOME

O roteiro de edição foi realizado de acordo com as perguntas feitas durante as gravações, e por consequência seguindo o roteiro original dividido em temas, assim o processo de decupagem facilitou a montagem do documentário. As respostas dos entrevistados foram divididas em blocos de sete partes: histórias de vida, trabalho,

---

relação com as pessoas, sentimentos, higiene e alimentação, sonhos e percepções sobre a vida na rua.

O som ambiente, ou seja, o som direto deu vida à grande parte do documentário, pois o objetivo era apresentar a realidade de suas histórias em meio à rua. A trilha sonora escolhida foi a versão instrumental da música „Memorized de Josh Woodward“. Os créditos foram destinados aos organizadores do projeto e às pessoas que compartilharam suas histórias, memórias e percepções com o mundo do audiovisual.

O nome do documentário surgiu da conversa com um dos personagens, Cláudio, que ao ser indagado sobre como era viver na rua, respondeu: “Você sabe onde eu moro? Lá onde o vento faz a curva, ou seja, em todo canto”; a resposta foi motivo de reflexão e sentimentos que esperamos repassar a quem apreciar o documentário.

## **CONCLUSÃO**

Produzir o documentário “*A VIDA ONDE O VENTO FAZA CURVA*” e conhecer a realidade de algumas pessoas que vivem em situação de rua no município de Sobral – CE mostrou ser importante para profissionais do jornalismo, compreenderem as histórias e decisões que os seres humanos fazem na vida, assim como respeitarem e apresentarem à sociedade, por meio das linguagens da comunicação, a luta pela percepção que merecemos sermos tratados com dignidade e, sermos possuidores de direitos universais.

A construção do audiovisual, desde a ideia inicial, surgida de uma simples, mas complexa observação do cotidiano, proporcionou experiências incríveis aos envolvidos na construção do documentário, buscando que as histórias carregassem representações a um grupo de indivíduos esquecidos, assim como nos sentidos governamentais, também pela sociedade que se informatiza cada vez mais no mundo virtual e, apaga o olhar para o mundo real.

---

Apresentar a realidade de pessoas que são vulneráveis, em meio à sociedade da qual fazem parte, enfatizando os problemas que as levaram a viver desse modo, para pessoas que talvez nunca se importaram em compreender o espaço vital do outro, proporciona um exercício de alteridade e, almeja reflexão social; um dos papéis a serem zelados pelos profissionais da comunicação. A força que a imagem produz favorece nessas pessoas um sentimento quase esquecido de representação social.

Conflitos com a família, vício em drogas, bebidas alcoólicas, e até mesmo amor, levaram os indivíduos que participam do documentário, a optarem pela vida nas ruas. É uma certeza que, assim como nós precisamos comer, tomar banho, dormir bem e realizar uma infinidade de atividades para sobrevivermos, essas pessoas também precisam. São seres humanos como todos nós, e precisam ser respeitados, notados, contados em termos governamentais com dignidade, terem seus direitos assegurados e tratados como iguais: essa é a representação que o documentário tenta repassar; histórias de seres humanos convivendo com as escolhas que fizeram: a realidade.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo: propostas para uma cartografia plural**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BRITO, Carlos Henrique Silva de. **Documentário: A Vida Onde o Vento Faz a Curva**. Youtube, 05 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AjEHQsnGKnU&t=87s>. Acesso em: 13 de março de 2022.

CEARÁ, **Plano Estadual de Atenção a População em Situação de Rua**. Período 2019-2022. Fortaleza: Novembro/2018.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Texto para discussão: estimativas da população em situação de rua no Brasil**. Brasília: Ipea, 2016.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. 2ª edição. São Paulo: Summus, 2012.

MENDES, Humberto. **Rua da Amargura s/n: memórias de um morador de rua, na cidade de São Paulo, nos anos de 1950**. 1ª edição. São Paulo: Editora WI, 2018.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 10ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5ª edição. São Paulo: Papirus, 2010.